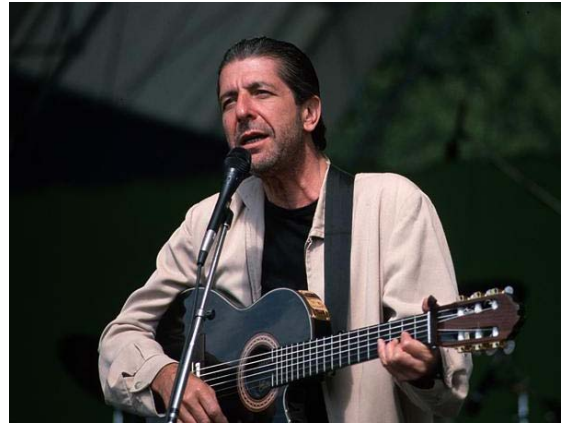


ARS

COHEN E A ILUSÃO DOURADA



Por Carlos Frederico Gama & Luiz Feldman

A situação das relações internacionais no final dos anos 1980 e início dos 1990 deu vazão a diversos entendimentos sobre os processos de mudança em curso. Na esteira do colapso da União Soviética, mudanças econômicas, estratégicas, culturais e políticas, entre outras, tornaram cabível o sentimento sobre a existência de uma "Nova Ordem Mundial", segundo expressão cunhada pelo Presidente George H. Bush, dos Estados Unidos. No começo dos anos 1990, um mundo diferente se afigurava diante de espectadores que, munidos de suas CNN, acompanhavam a concertação política que marcou a intervenção internacional no Golfo Pérsico em 1991. Apenas dois anos antes, caía o Muro de Berlim, símbolo inquestionável do mundo dicotômico da Guerra Fria. A passos rápidos, a bipolaridade de mais de quatro décadas se desfazia, prioridades se alteravam e novos desafios se apresentavam diante da comunidade internacional.

Leonard Cohen, um dos nomes mais singulares da canção popular do século XX, legendário recluso, somente tornou-se uma lenda do chamado "Folk Moderno" quando já era nome fartamente celebrado no meio literário canadense, permanecendo, no entanto, imune às demandas da indústria de massas, relegado (nunca confortavelmente, para alguém tão contestador e irônico) ao papel nunca assumido de "artista cult". Numa era nietzscheana, em que "Deus está Morto", suas (re)leituras do Velho Testamento – que só encontram par em outro judeu, irredutivelmente crítico e cínico, Bob Dylan - assombrosamente unem passado, presente e futuro, delineando o Progresso como farsa. A vasta obra de Cohen desnuda a fragilidade humana em toda a sua imensidão, por vezes redentora, por outra feita lamentavelmente hipócrita, mas sem nenhum tom de autocomiseração ou piedade, algo extremamente raro em artistas de qualquer gênero. O tom assumidamente ácido de suas linhas, elegantemente equilibradas entre a dor e a purgação, jamais deixou de revelar, ambigualmente, por detrás dos tabus desnudados, uma jornada de transcendência humana a partir do imanente. Um perverso profeta moderno?

O iconoclasta Cohen, em sintonia com sua obra pregressa, desmonta via Música a idéia do Pós-Guerra como escatológico "fim da História" fukuyamiano, vitória reluzente dos valores liberais do Ocidente em "The Future". Metalingüisticamente provocante, Cohen desconstrói a "ilusão dourada" do início dos anos 90 ao nos descrever um mundo ambivalente que desmantela suas próprias fundações, em uma "nostalgia da tirania" mal-disfarçada, sob as vestes do triunfo democrático, algo raro de se ouvir semanas após a dissolução - ao vivo - da própria União Soviética, e o conseqüente fim da "broken night" da Guerra Fria. A volatilidade e celeridade dos processos hodiernos de "modernização", na densa trama de imagens oblíquas de Cohen, traduz-se como o "apocalipse" previsto nos anos 1920 por Walter Benjamin (não por acaso, outro autor de origem judaica, cuja vasta obra permaneceu, em vida, relegada à semi-obscuridade). Como um Caravaggio das letras, Cohen contrapõe habilmente luz e sombra, invertendo associações costumeiras para obter máximo efeito denunciante, e, cinicamente, constatar que o triunfo liberal contra o Comunismo nos leva inexoravelmente à barbárie.

Logo nos primeiros versos da música, desde logo externando uma certa nostalgia irônica que perpassará o resto da composição. Em referência ao equilíbrio do terror da Guerra Fria, e também às circunstâncias dos regimes ditatoriais nela existentes, diz Cohen:

*"Give me absolute control
over every living soul"*

Muito sugestivamente, a letra continua:

*"Give me back the Berlin Wall
Give me Stalin and St Paul"*

E, mais tarde,

*"I've seen the nations rise and fall
I've heard their stories, heard them all
But love's the only engine of survival"*

O impacto da queda da superpotente União Soviética nos anos imediatamente anteriores à música tornam-se claros neste último trecho, em que Cohen aponta o amor como única possibilidade diante daquilo que caracteriza como sendo o futuro:

*"now the wheels of heaven stop
You feel the devil's riding crop
Get ready for the future:
It is murder"*

O assassinato sendo o futuro, assevera Cohen que vai ocorrer:

*"the breaking of the ancient
Western code
Your private life will suddenly explode"*

Nos dias atuais, de *reality shows* na TV e extremismo religioso no terrorismo, Cohen muito apuradamente atenta para as alterações culturais do pós Guerra Fria.

De acordo com Lévi-Strauss, o Mito e a Música encontram-se profundamente associados na cultura ocidental; para esse autor, a emergência das formas musicais eruditas ocidentais nos séculos XVII a XIX correspondeu ao declínio do pensamento mítico no mesmo período. A Música passaria a assumir a "função social do Mito", garantir a coesão de um grupo, povo ou mesmo cultura. O mito, compreendido como narrativa atemporal, estabelecendo continuidade entre passado e presente, cuja função é a de criar e reproduzir modelos de comportamento social, exprime a essência mesma de uma cultura e, dessa forma, configura-se elemento fundamental para a construção da identidade.

Dialogando com o Mito via Música, Cohen estabelece uma relação ambivalente para com a cultura ocidental, denunciando com ironia os *shortcomings* contemporâneos em escala massiva, buscando refúgio, em contraposição, na tradição e no indivíduo,

*"I'm the little jew
who wrote the bible",*

para recuperar à decadência esta mesma cultura. O tom ácido, as metáforas quase *Beatniks* e o fino cinismo calculado não escondem a ironia maior para uma música intitulada "The Future", trata-se de uma empreitada tradicional, um revigoramento explícito do Passado (com tintas proféticas) para ensejar resposta à "nova queda do Homem".

Cohen clama:

*"Destroy another fetus now
We don't like children anyhow",*

e chega ao possível limite de suas colocações ao pedir "Cristo ou Hiroshima": o fim terreno ou a devoção que abarca a existência. Arrematando sua composição, Cohen questiona o que "eles" querem dizer com seus pedidos de arrependimento. A "ilusão dourada" imaginada em algum instante de concertação política se esvai. Nada há do que se arrepender, parecemos haver chegado de fato ao fim da história previsto por Fukuyama, e temos Cristo ou Hiroshima. Ou isso ou o assassinato, que é o que o futuro reserva.